

Dicas para uma carreira promissora

O principal ativo de uma empresa é o seu capital humano. E a complexidade de formar o quadro de pessoal adequado às suas necessidades é diretamente proporcional à complexidade dos processos de cada empresa.

No caso da indústria do petróleo e gás, essa regra não só se aplica como transcende os limites de uma única empresa, sendo válida para todo o setor. Por suas especificidades, esta área exige profissionais com conhecimentos na maioria das vezes não disponíveis em outras.

Para entendermos o universo de nossa análise, torna-se necessário explicitar como funciona o setor: num primeiro nível estão as companhias de petróleo, responsáveis pela exploração e produção de petróleo, seu transporte, refino, comercialização e distribuição. Num segundo nível estão as empresas operadoras, prestadoras de serviços que são contratadas pelas empresas de petróleo para executar tarefas específicas, tais como: perfurar, fazer sísmica, transportar, prestar apoio logístico, enfim executar atividades inerentes à cadeia produtiva, sem, entretanto, se envolverem com a posse e a negociação do petróleo e de seus derivados.

As empresas de petróleo quando executam suas operações diretamente ou por intermédio de suas operadoras contratadas desenvolvem seus projetos e empreendimentos utilizando outro tipo de empresas, as contratadas principais. Conhecidas como "epécistas" (neologismo utilizado no setor que vem da sigla em inglês EPC, ou seja, E de engineering, P de procurement e C de construction) representam o conjunto de empresas que são contratadas para executar o todo ou parte de um empreendimento, como uma plataforma ou uma unidade de refinaria. Como contratadas principais são também utilizados estaleiros, que são um tipo de "epécista" que constrói navios. Tais empresas são responsáveis por entregar o empreendimento pronto para a contratante operar.

No nível seguinte estão as empresas de projeto de engenharia, normalmente contratadas pelas epécistas para executar o "E" – que significa o conjunto de projetos, básico e de detalhamento.

Uma vez executados os projetos, começa a fase "P", que se refere à compra dos materiais e equipa-

mentos necessários ao empreendimento e também às contratações dos diversos serviços envolvidos na construção e montagem, que constituirão o "C".

Por seu turno, as máquinas e equipamentos encomendados nos diversos fornecedores vão movimentar outro nível de engenharia, que é designado como engenharia de produto, e vão movimentar uma série de outras indústrias, responsáveis pelo suprimento de materiais, partes, peças, componentes e acessórios que vão compor as máquinas e equipamentos. Todo este *cluster* de empresas tem que ser respaldado por contratos, pagamentos, cuidados com a saúde, com a segurança, com a preservação do meio ambiente e ainda precisa contar com adequado suporte logístico e, obviamente, tudo tem que ser executado por pessoas.

E o que essas pessoas têm em comum? Trabalham num mesmo setor, muitas vezes sem perceber esse fato – por estarem muito afastadas das atividades-fim –, e têm de estar muito bem preparadas.

A quantidade de postos de trabalho que esta indústria gera é bastante significativa, pois um posto na operadora representa cinco ou mais nos estaleiros ou epécistas, 50 a cem nas fábricas de máquinas e equipamentos e de 500 a mil nas fábricas de materiais, partes, peças e componentes.

Pela extensão dos produtos e serviços demandados, até mesmo para quem milita no setor há décadas, é muito difícil identificar todas as áreas envolvidas no setor de petróleo e gás e conhecer as fronteiras do conhecimento necessário. Isso nos permite imaginar o que se passa na cabeça de um jovem que está se graduando ou se preparando para ingressar em uma universidade. O mercado está aí, mas não é tão explícito assim. O setor de petróleo e gás é multifuncional, necessitando tanto de pessoas extremamente especializadas em uma atividade específica, como é o caso de um geofísico ou de um engenheiro de reservatórios, quanto em formações mais generalistas, encontradas na maio-

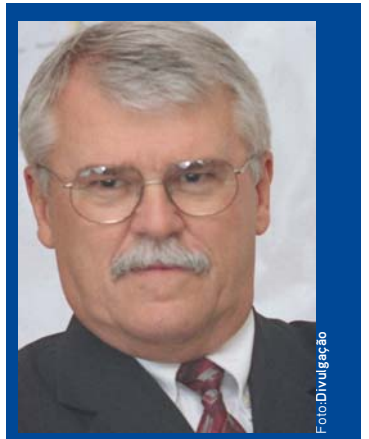


Foto: Divulgação

ria dos segmentos da economia, mas que aqui requerem alguns conhecimentos adicionais.

O que foi dito vale também para o nível da formação acadêmica, pois são igualmente necessárias pessoas desde a atividade mais operacional até o pós-doutorado ou ocupantes de altos cargos gerenciais. Há lugar para todos e todos são igualmente importantes. Nenhuma cadeia é mais forte que seu elo mais fraco.

E como começar?

Nossa profissão é algo com que convivemos pelo resto de nossas vidas. Às vezes mudando de área, às vezes mudando de setor, quase sempre progredindo, mas o mais importante é estarmos sempre fazendo aquilo de que gostamos. É claro que a remuneração é importante, mas tem que vir por meio de algo que também nos motive e nos empurre para a frente.

Nesse aspecto, o setor de petróleo e gás é pródigo, pois permite que, na prática, sempre possamos encontrar uma atividade que se enquadre em nosso perfil, seja o profissional um médico, um soldador, um oceanógrafo ou um advogado, só para citar alguns exemplos.

E o grande diferencial de um profissional do setor vem da conjunção de dois fatores: a instrução formal básica e especializada e a experiência adquirida. Nesse caso, não existe receita de bolo, mas os ingredientes estão disponíveis para cada um desenvolver sua própria receita.

Nos dias de hoje, o diploma de terceiro grau é necessário, mas está longe de ser suficiente. O mercado exige cada vez mais profissionais especializados, cuja sofisticação da formação aumenta com a sofisticação dos processos envolvidos, sejam eles tecnológicos, humanos ou administrativos. O domínio de pelo menos a língua inglesa é fundamental.

E aí começa mais um ponto de dúvida que aflige muitos jovens: terminei minha faculdade... e agora?

Hoje em dia é comum a participação em concursos públicos e muitas pessoas seguem essa linha de raciocínio e investem no preparo para eles. Mas se tratando do setor privado? Que oportunidades oferece o momento?

Decisões básicas têm que ser tomadas de imediato: carreira técnica ou administrativa? Executiva ou de consultoria? Operacional ou conceitual? Projeto ou operação? São questões básicas e que precisam ser bem analisadas, pois dependem das características individuais e, infelizmente, nem todos dispõem das informações necessárias para tão importante decisão.

Nesse caso, vale a pena começar procurando conhecer o setor e para tal existem diversas possibilidades de cursos oferecidos pelas tradicionais entidades de ensino e que podem representar um atalho nesse longo e complexo caminho decisório. Hoje existem cursos de especialização técnica, cursos de especialização gerencial, também conhecidos como MBAs, os mestrados profissionais e os doutorados – esses dois últimos antes apenas demandados para quem queria seguir carreira acadêmica, mas que hoje representam importante input para o progresso também nas atividades ligadas às empresas.

E o setor de Petróleo e Gás?

Todos os dias, tomamos conhecimento pelos jornais e mídia especializada de alguma notícia alvissareira sobre o setor no Brasil. Muitos ficam perplexos quando ouvem falar que estamos “boiando em uma extensa camada de petróleo”, que há uma “briga” entre estados e municípios pelos *royalties*, que o governo pensa em criar uma nova estatal para explorar o pré-sal, na “maldição do petróleo”, enfim, muitas pessoas se sentem, como se costuma dizer: “perdidas como cegos em tiroteio”.

Em primeiro lugar, a informação é fundamental. As pessoas têm que se manter informadas e, como não é possível acompanhar todos os assuntos com o mesmo nível de detalhe, é importante buscar determinados nichos e acompanhá-los de perto.

Também devemos participar ao máximo dos eventos. Existe uma grande quantidade de seminários, palestras e exposições, nos quais é possível encontrar pessoas, conversar, conhecer e ser conhecido.

Por último, resta-nos juntar as peças e montar o quebra-cabeça de modo a tomar a decisão de qual o melhor caminho a seguir.

Mãos à obra. ■